

VOL IV

POR PALAVRAS E GESTOS

A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira
(Organizadoras)



EDITORA
ARTEMIS
2021

VOL IV

POR PALAVRAS E GESTOS A ARTE DA LINGUAGEM

Patrícia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira
(Organizadoras)



**EDITORA
ARTEMIS**
2021



O conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons Atribuição-Não-Comercial NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0). Direitos para esta edição cedidos à Editora Artemis pelos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento, desde que sejam atribuídos créditos aos autores, e sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A responsabilidade pelo conteúdo dos artigos e seus dados, em sua forma, correção e confiabilidade é exclusiva dos autores. A Editora Artemis, em seu compromisso de manter e aperfeiçoar a qualidade e confiabilidade dos trabalhos que publica, conduz a avaliação cega pelos pares de todos manuscritos publicados, com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

Editora Chefe

Prof^a Dr^a Antonella Carvalho de Oliveira

Editora Executiva

M.^a Viviane Carvalho Mocellin

Direção de Arte

M.^a Bruna Bejarano

Diagramação

Elisângela Abreu

Revisão

Os autores

Organizadoras

Prof^a Dr^a Patricia Vasconcelos Almeida

Prof^a Dr^a Mauriceia Silva de Paula Vieira

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Conselho Editorial

Prof. Dr. Adalberto de Paula Paranhos, Universidade Federal de Uberlândia

Prof.^a Dr.^a Amanda Ramalho de Freitas Brito, Universidade Federal da Paraíba

Prof.^a Dr.^a Angela Ester Mallmann Centenaro, Universidade do Estado de Mato Grosso

Prof.^a Dr.^a Carmen Pimentel, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Catarina Castro, Universidade Nova de Lisboa, Portugal

Prof.^a Dr.^a Cláudia Neves, Universidade Aberta de Portugal

Prof. Dr. Cleberton Correia Santos, Universidade Federal da Grande Dourados

Prof. Dr. Eduardo Eugênio Spers, Universidade de São Paulo

Prof. Dr. Eloi Martins Senhoras, Universidade Federal de Roraima

Prof.^a Dr.^a Elvira Laura Hernández Carballido, Universidad Autónoma del Estado de Hidalgo, México

Prof.^a Dr.^a Emilias Darlene Carmen Lebus, Universidad Nacional del Nordeste/ Universidad Tecnológica Nacional, Argentina

Prof. Dr. Geoffroy Roger Pointer Malpass, Universidade Federal do Triângulo Mineiro

Prof.^a Dr.^a Iara Lúcia Tescarollo Dias, Universidade São Francisco

Prof. Dr. Ivan Amaro, Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Prof.^a Dr.^a Ivânia Maria Carneiro Vieira, Universidade Federal do Amazonas

Prof. Me. Javier Antonio Albornoz, University of Miami and Miami Dade College, USA

Prof. Dr. Joaquim Júlio Almeida Júnior, UniFIMES - Centro Universitário de Mineiros

Prof. Dr. Juan Diego Parra Valencia, Instituto Tecnológico Metropolitano de Medellín, Colômbia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Leinig Antonio Perazolli, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Lúvia do Carmo, Universidade Federal de Goiás
Prof.ª Dr.ª Luciane Spanhol Bordignon, Universidade de Passo Fundo
Prof. Dr. Marcos Augusto de Lima Nobre, Universidade Estadual Paulista
Prof.ª Dr.ª Margarida Márcia Fernandes Lima, Universidade Federal de Ouro Preto
Prof.ª Dr.ª Maria Aparecida José de Oliveira, Universidade Federal da Bahia
Prof.ª Dr.ª Maria do Céu Caetano, Universidade Nova de Lisboa, Portugal
Prof.ª Dr.ª Maria do Socorro Saraiva Pinheiro, Universidade Federal do Maranhão
Prof.ª Dr.ª Mauriceia Silva de Paula Vieira, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Odara Horta Boscolo, Universidade Federal Fluminense
Prof.ª Dr.ª Patrícia Vasconcelos Almeida, Universidade Federal de Lavras
Prof.ª Dr.ª Paula Arcoverde Cavalcanti, Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rodrigo Marques de Almeida Guerra, Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. Sergio Bitencourt Araújo Barros, Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Sérgio Luiz do Amaral Moretti, Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Dr. Turpo Gebera Osbaldo Washington, Universidad Nacional de San Agustín de Arequipa, Peru
Prof. Dr. Valter Machado da Fonseca, Universidade Federal de Viçosa
Prof.ª Dr.ª Vanessa Bordin Viera, Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Wilson Noé Garcés Aguilar, Corporación Universitaria Autónoma del Cauca, Colômbia

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P832 Por palavras e gestos [livro eletrônico] : a arte da linguagem vol IV / Organizadoras Patricia Vasconcelos Almeida, Mauriceia Silva de Paula Vieira. – Curitiba, PR: Artemis, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

Edição bilíngue

ISBN 978-65-87396-27-9

DOI 10.37572/EdArt_290121279

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Almeida, Patricia Vasconcelos II. Vieira, Mauriceia Silva de Paula.

CDD 469

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422



2021

APRESENTAÇÃO

O volume 4 do livro **“Por Palavras e Gestos: A arte da Linguagem”** se constitui a partir da seleção e organização de trabalhos que envolvem processos de ensino da língua, questões sobre formação docente dos profissionais do ensino de língua e considerações diversas sobre a grande área de estudos que a Linguagem. Entrecortado por questões teórico-práticas que envolvem majoritariamente o ensino presencial, mas que também transita entre o ensino virtual e/ou híbrido, dando destaque aos letramentos que se fazem necessários para utilização das mídias digitais no contexto educacional, este volume oferece ao leitor oportunidades de repensar teorias e práticas pedagógicas. Considerando não somente o contexto de ensino da língua portuguesa, esta obra dá lugar também à língua brasileira de sinais, a língua crioula cabo-verdiana, bem como à outras manifestações da linguagem, tais como: arte, cinema e literatura. Respeitando diversos contextos sociais, históricos e culturais, alguns dos trabalhos se desdobram em compreender as razões que determinam ou influenciam manifestações linguísticas, construções morfossintáticas no campo da medicina e construções fonológicas do português brasileiro, bem como a importância da hermenêutica na linguagem jurídica. Toda essa diversidade de temáticas só vem a enaltecer a abrangência da área dos estudos da linguagem e ressaltar sua importância para academia.

Patricia Vasconcelos Almeida
Mauriceia Silva de Paula Vieira

SUMÁRIO

PARTE 1: PROCESSOS DE ENSINO E FORMAÇÃO DOCENTE

CAPÍTULO 1 1

RELAÇÃO ENTRE GESTÃO DO SABER CIENTÍFICO DA LÍNGUA PORTUGUESA E A AVALIAÇÃO DA QUALIDADE DE ENSINO EM BUSCA DA EXCELÊNCIA.

Eugénia Emília Sacala Kosi
Pedro Ângelo da Costa Pereira

DOI 10.37572/EdArt_2901212791

CAPÍTULO 2 14

A PRÁTICA PEDAGÓGICA DAS ESCOLAS E DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NA CONCEPÇÃO DOS MULTILETRAMENTOS E DISCURSOS MULTIMODAIS

Hydelvídia Cavalcante de Oliveira Corrêa

DOI 10.37572/EdArt_2901212792

CAPÍTULO 3 25

BANQUETE “ROMEU E JULIETA”: UMA EXPERIÊNCIA ESTESIOLOGICA COM TEATRO E GASTRONOMIA

Fernanda Silva Zaidan
Raimundo Nonato Assunção Viana

DOI 10.37572/EdArt_2901212793

CAPÍTULO 4 38

PROFISSIONALIZAÇÃO DOCENTE VIA AMPLIAÇÃO DO LETRAMENTO DIGITAL EM TEMPO DE PANDEMIA: CONCEITOS, EXPERIÊNCIA E AVANÇOS

Cleonice Maria Cruz de Oliveira
Marlon Teixeira de Faria

DOI 10.37572/EdArt_2901212794

CAPÍTULO 5 53

MEDIATIZACIÓN, NARRATIVIDAD Y PROCESOS EDUCATIVOS

Federico Buján

DOI 10.37572/EdArt_2901212795

CAPÍTULO 6 62

ESCREVER SOBRE ENSINO DE LEITURA: ANÁLISE DE DOCUMENTOS OFICIAIS

Alba Helena Fernandes Caldas
Cibele Moreira Monteiro Rosa

DOI 10.37572/EdArt_2901212796

CAPÍTULO 7..... 74

ENSINO DE LEITURA E ESCRITA EM AMBIENTE DIGITAL

[Carmen Pimentel](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212797

CAPÍTULO 8.....86

A SEMIÓTICA E AS INTERFACES DO MULTILINGUISTO: OS SOFTWARES *HAGÁQUÊ* E *AUDACITY* - PODCAST NO ENSINO CONTEMPORÂNEO

[Joelma Monteiro de Carvalho](#)

[Clisivânia Duarte de Souza](#)

[Waldemir Lima de Carvalho](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212798

PARTE 2: A LINGUAGEM E SUAS NUANCES

CAPÍTULO 996

ESTUDO SOBRE A LINGUAGEM, CLASSIFICAÇÃO E CONSTRUÇÃO DOS GÊNEROS TEXTUAIS RADIOFÔNICOS

[Geane Cássia Alves Sena](#)

DOI 10.37572/EdArt_2901212799

CAPÍTULO 10.....110

DO DIÁRIO AO FACEBOOK: ITINERÁRIOS DA ESCRITA ÍNTIMA

[Carmen Pimentel](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127910

CAPÍTULO 11..... 123

EM RETALHOS DE MISSIVAS, A TESSITURA DE UMA REPRESENTAÇÃO DISCURSIVA: “... VENHA VER, COMER, BEBER E RESPIRAR NORDESTE ...”

[Cristiane Maria Praxedes de Souza Nóbrega](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127911

CAPÍTULO 12..... 138

METÁFORAS EM LIBRAS

[Walkiria Neiva Praça](#)

[Adriana Dias Sambranel de Araujo](#)

DOI 10.37572/EdArt_29012127912

CAPÍTULO 13	151
LA SINGULAR RELACIÓN YO-TÚ COMO SUPUESTO DE LA EXPERIENCIA HERMENÉUTICA	
Saúl Mauricio Niveyro Linares	
DOI 10.37572/EdArt_29012127913	
CAPÍTULO 14	165
NOVAS FORMAÇÕES COM <i>BIO- E -ÍVORO</i> EM PORTUGUÊS	
Maria do Céu Caetano	
DOI 10.37572/EdArt_29012127914	
CAPÍTULO 15	175
APLICAÇÕES E RESULTADOS PRÁTICOS DE UM ALGORITMO FONOLÓGICO-PROSÓDICO-SILÁBICO PARA PORTUGUÊS BRASILEIRO	
Vera Vasilévski	
DOI 10.37572/EdArt_29012127915	
CAPÍTULO 16	192
UM ESTUDO SINTÁTICO-SEMÂNTICO DOS FORMATIVOS DE UNIDADES TERMINOLÓGICAS COMPLEXAS DO VOCABULÁRIO DA MEDICINA	
Bruna Moreira de Souza	
DOI 10.37572/EdArt_29012127916	
CAPÍTULO 17	205
DA REFERENCIAÇÃO À REFERENCIAÇÃO SEMIOTIZADA: UMA ABORDAGEM BAKHTINIANA	
Lícia Maria Bahia Heine	
DOI 10.37572/EdArt_29012127917	
CAPÍTULO 18	225
ASCENSÃO DO CRIOULO CABO-VERDIANO: <i>ESCOLHAS E/OU RESISTÊNCIA</i>	
Ivonete da Silva Santos	
Maria Helena de Paula	
DOI 10.37572/EdArt_29012127918	
CAPÍTULO 19	240
PETIÇÕES INICIAIS CRIMINAIS: UMA ANÁLISE LINGUÍSTICO-DISCURSIVA	
Magno Santos Batista	
DOI 10.37572/EdArt_29012127919	

CAPÍTULO 20	253
NÍSIA FLORESTA E A ESCRITA FEMININA NO SÉCULO XIX	
Luma Pinheiro Dias	
Teresinha de Jesus Mesquita Queiroz	
DOI 10.37572/EdArt_29012127920	
SOBRE AS ORGANIZADORAS	264
ÍNDICE REMISSIVO	265

CAPÍTULO 14

NOVAS FORMAÇÕES COM *BIO-* E *-ÍVORO* EM PORTUGUÊS

Data de submissão: 10/10/2020

Data de aceite: 24/11/2020

Maria do Céu Caetano

Universidade Nova de Lisboa,
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas,
Departamento de Linguística
Lisboa - Portugal
<https://orcid.org/0000-0002-2237-9184>

RESUMO: A problemática do processo de formação de palavras que envolve a junção de elementos neoclássicos não é recente e, entre outros, Darmesteter (1877), Marchand (1960) e Bauer (1983), já haviam reconhecido que se tratará de um domínio especial, a ser estudado mais aprofundadamente, procurando estes autores delimitar o estatuto dos elementos neoclássicos que ocorrem em determinadas formações e, conseqüentemente, evitar a profusão de designações, quer as de tais elementos, quer as do processo em que intervêm. Nos últimos anos, são frequentes as novas palavras do vocabulário corrente em que ocorrem elementos oriundos do grego e do latim, processo de formação que

tem suscitado muita discussão, na medida em que para uns se tratará de um tipo de composição e, para outros, de derivação. Os primeiros apontam que não existem diferenças significativas entre este processo e a composição vernácula, enquanto os últimos alegam que alguns destes elementos têm um comportamento semelhante ao dos prefixos e sufixos. Partindo de unidades em que ocorre *bio-* (*biociência* e *biodegradável*,...) e *ívoro* (*alfacívoro* e *energívoro*,...), um dos aspetos que se procurará explorar no que diz respeito aos elementos neoclássicos está relacionado com o facto de em latim e em grego eles serem lexemas, deixando posteriormente de terem autonomia e passando a ocorrer unicamente junto de elementos do mesmo tipo, enquanto na neologia da língua corrente alguns deles funcionam (exclusivamente?) ou como prefixos ou como sufixos. Assim, procurar-se-á argumentar que *bio-*, elemento que nas novas formações ocorre exclusivamente em posição inicial e se solda a palavras, e *-ívoro*, que se solda à direita de um radical vernáculo, em nada se distinguem atualmente dos afixos do português.

PALAVRAS-CHAVE: morfologia, formação de palavras, composição, derivação, elementos neoclássicos.

BIO- AND -ÍVORO NEW FORMATIONS IN PORTUGUESE

ABSTRACT: The debate on the word formation process that involves the junction of neoclassical elements is not recent and, among others, Darmesteter (1877), Marchand (1960) and Bauer (1983) had already recognized that probably it is a special domain, that needs to be studied more deeply, what led these authors to try to delimit the status of the neoclassical elements that occur in certain formations and, consequently, to contribute to avoid the profusion of designations, both of those elements and of the process in which they occur. In recent years, new current words formed by elements of Greek and Latin origin are very frequent and this is a word-formation process that has given rise to much discussion, as for some it will be a type of compounding and, for others, a derivation process. The first authors point out that there are no significant differences between this process and the vernacular compounding, while the second claim that some of these elements behave similarly to prefixes and suffixes. Taking some units in which *bio-* (*biociência e biodegradável,...*) and *ívoro* (*alfacívoro e energívoro, ...*) occur, one of the aspects that will be explored with regard to the neoclassical elements is related to the fact that in Latin and Greek they were lexemes, later they lost autonomy and began to occur only with elements of the same type, whereas in the neology of the current language some of them sometimes (exclusively?) occur either as prefixes or as suffixes. Thus, it will be argued that *bio-*, an element that in the new formations occurs exclusively in the initial position and is added to words, and *-ívoro*, which attaches on the right of a vernacular stem, are currently not distinguished from the affixes of the Portuguese language.

KEYWORDS: morphology, word-formation, compounding, derivation, neoclassical elements.

1. INTRODUÇÃO

As unidades em que ocorrem elementos neoclássicos têm sido alvo de amplas considerações e, ainda hoje, qualquer obra de relevância em morfologia não deixa de discutir alguns problemas colocados à demarcação da derivação e da composição por parte destes elementos.

Em quase todas as descrições tradicionais, aponta-se a composição como sendo tipicamente um processo resultante da junção de dois elementos lexicais, enquanto os derivados envolvem pelo menos a junção de um afixo a uma base, sendo ambos os processos incluídos na área da formação de palavras (veja-se, por exemplo, Cunha e Cintra, 1984, p. 85-117). Contudo, em trabalhos mais recentes, argumenta-se por vezes que, embora sejam processos distintos, as diferenças entre derivação e composição não serão assim tão significativas, tal como explicado por Booij (2005, p. 130), para quem os

afixos derivacionais “are pieces of morphological structure, just like the constituents of compounds. (...) compounding and derivational affixation do not differ in accessibility for rules of grammar.” Outro dos argumentos avançados baseia-se na existência de alguns afixos e lexemas cujo estatuto não está bem definido.

As formações designadas por ‘compostos eruditos’ nas gramáticas tradicionais são descritas como sendo resultantes da junção de dois ou mais radicais do grego e/ou do latim, para formarem novas palavras, sobretudo vocábulos pertencentes aos domínios técnicos e científicos. De facto, o processo de formação de uma nova palavra através de elementos neoclássicos só se tornou comum a partir dos séculos XVIII-XIX, com a revolução industrial e os avanços técnicos e científicos (cf. Marchand, 1969, p. 131).

Sem pôr propriamente em causa a abordagem tradicional, Bauer (1983) considera ser preferível a designação de compostos neoclássicos, na medida em que os arranjos e rearranjos que, nas línguas modernas, fazemos dos elementos neoclássicos não seriam possíveis nas línguas de origem. Tendo isto em conta e sabendo-se que os elementos neoclássicos estão disponíveis para a formação de neologismos no português (por ex. *energívoro*), é preciso tentar perceber que alterações se operaram e o que se modificou.

2. DESCRIÇÃO DOS ELEMENTOS NEOCLÁSSICOS

Quer a definição do processo em que participam, quer o estatuto dos elementos neoclássicos têm sido amplamente discutidos, uma vez que, individualmente, não sendo portadores de uma categoria sintática, ao juntarem-se entre si para formarem novos nomes, ou soldando-se a uma base com autonomia, isso coloca em causa a posição de Aronoff (1976, p. 21), autor que defende que “A new word is formed by applying a regular rule to a single already existing word. Both the new word and the existing one are members of major lexical categories”. Ou seja, na perspetiva tradicional, a junção de dois ou mais elementos neoclássicos não pressupõe a existência de uma base pertencente a uma das categorias lexicais maiores (nome, adjetivo, verbo) e daí que, de acordo com Aronoff (1976), este processo não esteja contemplado nas Regras de Formação de Palavras.

Além dos elementos do grego e do latim que servem para formar ‘compostos neoclássicos’, há quem também considere outros, do tipo de *jazzo*, como por exemplo em *jazzófilo* (cf. o seguinte contexto retirado da revista TimeOut-Lisboa, de 18/07/2017: “A maioria dos *jazzófilos* conhecerão o nome de Abdul-Malik pela sua participação no histórico Live! At the Village Vanguard (1961), de John Coltrane”), mas essa é uma questão a ser discutida noutra trabalho.

Nas várias descrições, aponta-se que os elementos de origem erudita se juntam

a outros elementos que possuem as mesmas características etimológicas, morfológicas e semânticas, caracterizando-se, portanto, pela sua não autonomia sintática (em português e noutras línguas modernas). Por isso, diferenciam-se de prefixos e de sufixos, os quais, pela sua própria natureza afixal, não se podem combinar entre si (cf., por exemplo, **antides* ou **ismoista*), ocorrendo sempre ou à esquerda (prefixos) ou à direita (sufixos), enquanto a posição que ocupam os elementos neoclássicos pode não ser fixa: alguns deles podem aparecer na posição inicial ou final (por exemplo *crono*, em *cronómetro* e *assíncrono*); alguns somente na posição inicial (por exemplo *pseudo* em *pseudofobia*) e outros somente na posição final (por exemplo *teca* em *filmoteca*). Por outro lado, sabe-se que nos compostos típicos, pelo menos um dos elementos tem autonomia sintática (exs.: *couve flor*, *afrobrasileiro*, etc.).

Relativamente à origem dos sufixos, Marchand (1960, p. 210) distingue dois tipos:

- a) o sufixo foi outrora uma palavra independente, mas deixou de o ser;
- b) o sufixo originou-se como tal em resultado de um processo de sincretismo.

Também no que diz respeito aos prefixos Marchand (1960, p. 129) considera que “The so-called native prefixes have developed out of independent words” e observa de forma muito acutilante que, por exemplo, *geo-* é radical em *geografia* e prefixo em *geoestatística* (Marchand, 1960, p. 132).

Todavia, apesar de reconhecer a existência de “semi-sufixos”, isto é, elementos que “stand midway between full words and suffixes” (Marchand, 1960, p. 356), aquilo a que, alguns anos mais tarde, Martinet (1979) designaria por ‘confixes’, não nos são fornecidas indicações sobre a forma como se terá dado este desenvolvimento.

No caso do português, Carvalho (1984, p. 524) considera que há vários casos de compostos neoclássicos que, por se terem generalizado na língua corrente, não serão tidos como tal pelos falantes, pois, como assinala o autor a propósito de elementos que ocorrem sempre/frequentemente à direita: “é muito duvidoso que para o falante comum (...) constituam palavras compostas, sendo mais provável que os analise (intuitivamente) como palavras derivadas por sufixação.”

De acordo com Bauer (2005, p. 105), “The question with a form like *psychology* or *philosophy* is that it is not really clear that it is a compound. (...) *logy* is not a lexeme of English.” Casos como *logy* serão aquilo que Bauer (2005, p. 107) designa por “second-elements of compounds that are becoming affixes”, os quais ocupam um lugar específico (intermédio) entre afixos e bases lexicais, “in the morphological continuum”.

Assim, a pouco e pouco, começa-se a ultrapassar a ideia de que a dita composição erudita/neoclássica se situe numa terra de ninguém, isto é, sem poder inserir-se na

composição porque nenhum dos dois elementos é autónomo e não podendo fazer parte da derivação, na medida em que nesta um dos elementos não é autónomo e só pode ocorrer numa posição fixa, recorrendo à terminologia utilizada por Bloomfield (1933) na célebre distinção entre morfema livre/preso e, ainda, lexical/gramatical.

3. ANÁLISE DOS EXEMPLOS

Para levar a cabo este pequeno estudo, constituí um pequeno corpus com algumas formas em *bio-* e em *-ívoro* não dicionarizadas retiradas da Internet, de modo mais ou menos aleatório, tendo também confrontado as definições e recolhido alguns exemplos em *bio-* e em *-voro* no *Dicionário Houaiss Eletrónico da Língua Portuguesa* (2007). Assim:

i) *bio-*, no dicionário Houaiss (2007), é tido como um “elemento de composição: 1. antepositivo [*bio-*], do gr. *bíos*, ou ‘vida’ (ex. *bioaeração*); 2. interpositivo [*-bio-*] (ex. *simbiose*); 3. pospositivo [*-bio*] (ex. *micróbio*)”, fazendo parte da macroestrutura do dicionário exemplos como *biofagia*, *biogenia*, *biopsia*, a par de outros, como *biocombustível*, *biodiversidade*, *bioengenharia*, etc. Como se pode verificar, neste dicionário contempla-se a possibilidade de *bio-* poder ocorrer em três posições distintas.

ii) *-voro*, também no dicionário Houaiss (2007), é um “elemento de composição: pospositivo, do v. lat. *vòro*, as, *ávi*, *átum*, *áre* ‘devorar, engolir, tragar, comer com avidez’ (exemplos: *apívoro*, *herbívoro*, *ignívoro*; *insetívoro*, *leguminívoro*, *vermívoro*), havendo uma remissão para *-fago*, do grego, o qual também só pode ocorrer, segundo o mesmo dicionário, em posição final.

Apesar de em Houaiss (2007) se consignar a forma *-voro*, os exemplos recolhidos levam-me a considerar que a configuração deste elemento é *-ívoro* e não *-voro*. Nesta medida, assumo desde já que o /i/ inicial não é uma vogal de ligação. Nos grupos abaixo, no I., listam-se alguns exemplos em *bio* e, no grupo II, em *ívoro*, retirados da Internet.

No grupo I, em 1.1, *bio* ocorre na posição à esquerda, antes de um nome ou de um adjetivo e, em 1.2, na posição à direita, a seguir a um nome, e, em II, incluo em 2.1 nomes em *-ívoro* formados a partir de nomes, que podem ser parafraseados como ‘que come/bebe muito Nb’, e, em 2.2, encontram-se (em muito menor número) nomes em *-ívoro* parafraseáveis como ‘que gosta muito de Nb’.

GRUPO I

1.1

bioativo

bioparque

biocosmética

biopirataria

biodança

bioquímica

bioenergético

biorrefinaria

bioengenharia
bioestatística
bioinformática
biomedicina
biomecânica

1.2

alimentação bio
bolos bio
formação bio
geração bio

GRUPO II

2.1

açaívoro
alfacívoro
amendoimolívoro
arrozívoro
azeitonívoro
baladegomívoro
bananívoro
batata fritívoro / batatafritívoro /
batata-fritívoro / batatívoro
bife-de-fígadívoro
bifeívoro / bifívoro
biscoitívoro
bistequívoro
bobóívoro
bolívoro
bolodecrocantívoro
brigadeirívoro
brocolívoro
catchaívoro
cachorro quentívoro /
cachorroquentívoro
cafeívoro / cafetívoro
pipocaívoro / pipokívoro /

bioressonância
biosnack
biosustentabilidade
biotecnologia

mercearia bio
pastelaria bio
supermercado bio

fejoadívoro /
fejoívoro /
fejonívoro
forrolívoro /
forrózívoro
franguívoro
frutívoro
gelatinívoro
gomademascarívoro
guaraná antarctiquívoro
hamburguerívoro / hamburquívoro
hot-doguívoro
juropinguívoro
lasanhívoro
pastelívoro
macarronívoro
manguívoro
maria-molívoro
massívoro
McDonívoro
melancialívoro
moussedemaracujívoro
nugetsívoro

pipoqueirívoro
camaronívoro
caranguejívoro
carne moidívoro
carpacciolívoro
castanhívoro
catchupívoro
cervejívoro
cheeseburguívoro
chocolatívoro /
chocolívoro
churrasquívoro
churrorívoro
cigarrívoro
coca-colívoro /
cocacolívoro
comidívoro
costelassadívoro
coxinhívero /
coxívoro
crepívoro
doce de abobrívoro
docetívoro /
docívoro
espetinhodefranguívoro
fantaívoro /
fantauívoro

2.2

charlie brown junívoro
computadorívoro
futebolívoro
guitarrívoro
internetívoro
messengívoro
mulherívoro

nuttelívoro
ovomaltívoro
pankekívoro / panquequívoro
paodequeijolívoro
pepsívoro
pizzaívoro / pizzívoro / pizzatívoro
presuntívoro
puadinívoro
queijívoro
red bulívoro
refrigerantívoro
rizotívoro
saladívoro
salgadívoro
sanduíchívoro
sopívoro
sorvetívoro / sorvetetívoro
strogonoffívoro / strogonofívoro
sucodelaranjívoro
sucodemorangocomleiteívoro
suquívoro
sushívoro
torronívoro
tridentívoro
vatapátívoro
vinhívoro
vodkaívoro

namorívoro
orkutívoro
passatemporívoro
preguiçosívoro
psyívoro
rockívoro
youtubívoro

musikívero

A partir dos exemplos, o primeiro aspeto a realçar é que nenhum dos casos resulta da junção de *bio* ou de *-ívoro* a um radical do latim / grego.

Em segundo lugar, observamos, no grupo II, que *-ívoro* tanto se junta a palavras (por exemplo, os nomes *bifeívoro* e *sorveteívoro*) como a radicais (cf., por exemplo, *bif-* + *-ívoro*, *sorvet-* + *-ívoro*).

Nos casos em que a base é uma palavra terminada em vogal, ocorrem por vezes alguns reajustamentos, nomeadamente a inserção de uma consoante entre a base e *-ívoro*, por este se iniciar por vogal (cf., por exemplo, *cafetívoro*, *docetívoro*, *forrolívoro* / *forrózívoro*, *melancialívoro*), o que contribui para reforçar a configuração do elemento enquanto *-ívoro*, e não *-voro*, tal como já havia indicado anteriormente. Reajustamento diferente deste é a desnasalização da vogal / semivogal final da base, ao dar-se a junção de *-ívoro* (cf., por exemplo, *pudivoro*, *macarronívoro*). Em exemplos do tipo de *hotdoguívoro* não se considera que haja qualquer reajustamento da base, pois a passagem de <-g> a <-gu-> é meramente gráfica, destinando-se somente a manter o valor de [g].

Em terceiro lugar, as bases selecionadas por *bio* e por *-ívoro* tanto podem ser simples como complexas (por exemplo, *biodança* e *biorrefinaria*; *alfacívoro* e *batata fritívoro*), quer se trate de bases vernáculas, quer estrangeiras (por exemplo, *strogonoffívoro*), o que ilustra bem a versatilidade destes elementos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na literatura, a gramaticalização é entendida como um processo diacrónico, resultando numa mudança linguística em que uma estrutura ou item lexical adquire propriedades gramaticais, ou em que um elemento gramatical alarga as suas propriedades gramaticais, adquirindo significados mais abstratos (cf., por ex., Hopper e Traugott, 2003, p. 2). Por outro lado, referem-se e discutem-se exemplos de construções e palavras gramaticais que, mais tarde, servem para formar compostos, adquirindo, posteriormente, o estatuto de afixóide, antes de passarem a funcionar como afixos. Ou seja, teremos o chamado “cline of lexicality” (cf. Hopper e Traugott, 2003), onde se incluem alguns afixos derivacionais e alguns elementos de compostos, sabendo-se que o termo ‘lexicality’ não é o mesmo que ‘lexicalização’, o qual é utilizado para um fenómeno diferente (cf. Brinton e Traugott, 2005, p. 18-22).

Nesta linha, podemos, assim, considerar que dentro dos elementos neoclássicos haverá igualmente um ‘cline’: os que já se comportam como afixos (*-ívoro*) e os que se mantêm mais próximo de primeiro / segundo elementos de um composto (*bio*), possuindo

estes últimos um significado que se assemelha mais ao de um lexema, tal como se pode observar nos exemplos em análise. De facto, os exemplos que foram analisados mais de perto parecem não nos deixar grandes dúvidas de que *-ívoro* se comporta no português contemporâneo de modo diferente de *-voro*, tal como este aparece definido geralmente nos dicionários.

O elemento *-ívoro* terá completado / estará em vias de completar um processo gradual, à semelhança do que aconteceu muito mais remotamente com os sufixos e os prefixos de que hoje dispomos para formarmos novas palavras, como sabiamente assinalou Ali (1964, p. 229), ao considerar que não fazia sentido a classificação da prefixação como um tipo particular de composição, pois se os prefixos atuais do português se originaram de preposições e de advérbios, i.e., itens com autonomia, caso idêntico se havia verificado antes com os sufixos, pois, de acordo com o autor, o sufixo “procede também de expressão que a princípio se usou como palavra independente”.

Tudo indica, pois que, previsivelmente, o que aconteceu / acontece com *-ívoro* irá verificar-se com outros elementos do mesmo tipo que têm um nível de ocorrências elevado. Ao assistir-se à morfologização de *-ívoro*, fará sentido considerá-lo como um sufixo de direito próprio do português.

Naturalmente que a confirmar-se a passagem (na totalidade ou em parte) de um elemento neoclássico a afixo aqui ilustrada, isso terá consequências de vária ordem, não só no que se relaciona com a teorização em morfologia, como também a nível do ensino, entre outros.

De modo a não restarem dúvidas sobre o facto de alguns elementos neoclássicos terem passado a funcionar como afixos, será necessário investigar se os falantes estabelecem distinções entre eles e os afixos propriamente ditos, no que diz respeito ao processamento cognitivo e ao léxico mental, pois, como relembra Plag (2002, p. 286), os falantes dominam e servem-se da morfologia “without etymological knowledge”.

REFERÊNCIAS

ALI, M. S. **Gramática Histórica da Língua Portuguesa**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1964 (3ª ed.; 1ª ed. 1931).

ARONOFF, M. **Word-formation in Generative Grammar**. Cambridge (Massachusetts): MIT Press, 1976.

BAUER, L. **English Word-formation**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

BAUER, L. The Borderline between Derivation and Compounding. In: DRESSLER, W. et al. (Ed.) **Morphology and its Demarcation**. Amsterdam: Benjamins, 2005, p. 97-108.

BLOOMFIELD, L. **Language**. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1933.

BOOIJ, G. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In DRESSLER, W. et al. (Ed.) **Morphology and its Demarcation**. Amsterdam: Benjamins, 2005, p. 109-131.

BRINTON, L.; TRAUGOTT, E. **Lexicalization and Language Change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

CAETANO, M. C. A meio caminho entre a derivação e a composição. Estudos Linguísticos / Linguistic Studies, Lisboa, n. 5, p. 131-140, 2010.

CARVALHO, J. H. **Teoria da Linguagem**. Coimbra: Coimbra Editora, 1984.

CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Lisboa: Edições Sá da Costa, 1984.

DARMESTER, A. **De la création de mots nouveaux dans la langue française et des lois qui la régissent**. Genève: Slatkine Reprints, 1877 (reimpr. em 1972).

HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

HOUAISS, A.; SALLES VILLAR, M. **Dicionário Houaiss Eletrônico da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva / Instituto Antônio Houaiss de Lexicografia e Banco de Dados da Língua Portuguesa, 2007.

MARCHAND, H. **The categories and types of present-day English word formation**. München: Beck, 1960.

MARTINET, A. **Grammaire Fonctionnelle du Français**. Paris: Didier, 1979.

PLAG, I. The role of selectional restrictions, phonotactics, and parsing in constraining suffix ordering in English. In: Booij, G. et al. (Ed.) **Yearbook of morphology** 2001. Dordrecht: Kluwer, 2002, p. 285–314.

SOBRE AS ORGANIZADORAS

Patricia Vasconcelos Almeida - Pós doutora em Linguagem e Tecnologia pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação em Letras e na pós graduação nos programas de Educação (mestrado profissional) e de Letras (mestrado acadêmico). Líder do Grupo de Pesquisa CNPq - Tecnologias e Práticas Digitais no ensino-aprendizagem de línguas. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Língua Inglesa, atuando principalmente nos seguintes temas: Formação de professores, ensino-aprendizagem de línguas estrangeiras mediado pelas tecnologias digitais, tecnologia educacional, ambientes virtuais de aprendizagem.

Mauriceia Silva de Paula Vieira - Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais. Professora Associada da Universidade Federal de Lavras (UFLA), atuando na graduação e na pós graduação. Possui experiência docente na educação básica, na formação continuada de professores alfabetizadores e de professores de língua portuguesa. Suas pesquisas se inserem nas seguintes áreas: ensino de língua portuguesa; leitura e práticas de letramentos; letramento digital e uso de tecnologias; análise linguística/semiótica em perspectiva funcionalista.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Aprendizagem 14, 16, 17, 18, 20, 36, 37, 40, 41, 45, 47, 49, 50, 78, 86, 87, 89, 92, 94, 222,
Argumentação 240, 241, 243, 244, 245, 246, 247, 249, 251, 252
Arte 22, 26, 27, 28, 30, 32, 36, 53, 61, 105, 136, 151, 152, 157, 163, 221, 258, 262
Avaliação 1, 2, 3, 11

B

Blog 22, 45, 110, 111, 115, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122

C

Câmara Cascudo 123, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136
Classificação e construção 96
Colaborativa 21, 22, 24, 69, 86, 91
Combinações sintagmáticas 193, 194, 200
Crioulo cabo-verdiano 225, 226, 227, 229, 230, 231, 233, 234, 236, 237
Cultura 5, 9, 10, 17, 26, 27, 28, 30, 36, 44, 57, 61, 64, 78, 79, 82, 85, 92, 125, 129, 130, 131,
134, 135, 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 148, 149, 157, 162, 163, 210, 224, 225, 226, 227,
228, 229, 232, 234, 236, 237, 238, 242, 255, 263

D

Dialogismo 74, 81, 84, 205, 218
Diário 25, 29, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 258, 259, 262

E

Educação feminina 253, 258
Elementos neoclássicos 165, 166, 167, 168, 172, 173
Enfoque 71, 77, 151, 152, 205, 208, 212, 213, 222
Ensino 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 18, 20, 21, 22, 23, 24, 26, 27, 28, 31, 36,
37, 38, 40, 41, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 51, 52, 62, 63, 64, 69, 70, 73, 74, 78, 81, 84, 86, 87,
88, 89, 94, 110, 122, 173, 190, 219, 221, 222, 234, 237, 238, 251, 255
Escrita feminina 112, 253
Estesiológica 25, 28, 36
Estilo 20, 74, 81, 84, 96, 97, 100, 108, 133, 242, 243
Estratégias argumentativas 240, 244, 246, 249

Experiencia 3, 18, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 37, 38, 42, 49, 50, 51, 68, 78, 106, 139, 141, 142, 143, 145, 147, 151, 152, 153, 158, 159, 160, 161, 162, 163, 228, 253, 261, 263

F

Facebook 22, 110, 111, 118, 119, 120, 121, 122

Fanfictions 74, 75, 77, 78, 79, 80, 81, 83, 84

Formação de palavras 165, 166, 167

Frases idiomáticas 2, 9

G

Gastronomia 25, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 36, 37

Gêneros textuais 19, 44, 45, 51, 66, 69, 96, 110, 112, 117, 122, 189

Grafema-fonema 175, 176, 177

H

Hermenêutica 151, 152, 153, 156, 158, 160, 161, 162, 164

I

Internet 20, 45, 48, 49, 50, 56, 74, 75, 77, 78, 79, 80, 82, 83, 84, 88, 90, 92, 95, 108, 110, 111, 112, 115, 116, 120, 121, 169, 189, 205, 206, 242

L

Leitura 20, 22, 27, 43, 44, 45, 51, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 71, 72, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 81, 84, 85, 90, 110, 111, 113, 116, 120, 124, 175, 177, 178, 181, 185, 189, 190, 224, 239, 251, 259, 264

Leitura e escrita 44, 74, 77, 78, 81

Letramento digital 14, 16, 20, 21, 24, 38, 43, 44, 45, 47, 51, 52, 86, 87, 89, 93, 94

Libras 138, 139, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150

Linguagem 4, 5, 9, 12, 16, 17, 18, 19, 22, 23, 24, 25, 28, 44, 72, 86, 88, 90, 91, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 106, 108, 111, 113, 116, 117, 119, 120, 126, 135, 136, 139, 140, 141, 174, 178, 185, 193, 194, 195, 200, 205, 206, 209, 210, 211, 212, 214, 217, 218, 221, 222, 223, 225, 229, 238, 242, 244, 246, 247, 251

Língua minoritária 225, 229

Língua oficial 6, 7, 225, 229, 233, 236

Língua Portuguesa 1, 2, 5, 6, 7, 12, 13, 14, 15, 16, 21, 22, 23, 24, 51, 62, 64, 73, 95, 110, 137, 139, 142, 147, 169, 173, 174, 175, 179, 190, 198, 212, 230, 233, 234, 235, 236, 238

Linguística Textual 62, 64, 71, 73, 126, 136, 205, 209, 215, 222, 223, 251

M

Mediatização 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61

Metáfora 136, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 212

Morfologia 8, 149, 165, 166, 173, 180, 182, 204

Multiletramentos 14, 15, 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24

N

Narratividade 53, 54, 57, 58, 60

Nísia Floresta 253, 254, 255, 256, 257, 258, 259, 260, 261, 262, 263

Nordeste 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 152, 164, 254

P

Padrões formativos 192, 193, 194, 202

Parâmetros Curriculares Nacionais 62, 63, 64, 65, 70, 73

Petições iniciais 240, 241, 242, 243, 247, 250, 251

Português brasileiro 136, 175, 177, 178, 179, 181, 182, 189

Português Europeu 2, 6

Processos educativos 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59

Profissionalização 38, 40, 41, 42, 43, 44, 49, 50, 51

R

Referenciação semiotizada 205, 206, 208, 213, 214, 215, 217, 219, 220, 222

Representações discursivas 123, 125, 126, 127, 128, 129, 135, 136, 137

Rupturas 38, 59, 111, 259

S

Semiótica 16, 17, 22, 53, 54, 86, 88, 91, 95, 140, 223

Sílaba 19, 175, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 189

T

Teatro 12, 25, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 36, 37

Terminologia 107, 169, 193, 195, 198, 203, 204

Texto 5, 7, 16, 17, 18, 19, 22, 24, 25, 40, 44, 47, 48, 62, 64, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 78, 81, 83, 84, 86, 90, 91, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 108, 110, 111, 113, 114, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 125, 126, 127, 128, 135, 136, 137, 145, 146, 149, 152, 157, 175, 176, 178, 181, 182, 183, 184, 185, 189, 191, 196, 197, 205



**EDITORA
ARTEMIS**